

MIGUEL ÂNGELO POETA

Maria Luigia Magnavita Galeffi
Profa. Titular do Dep.
de Letras Românicas

RESUMO

Miguel Ângelo Buonarroti, além de escultor, pintor e arquiteto, foi também poeta, rico de idéias, sincero, personálissimo. Numa época em que dominava o petrarquismo, deste se afastou na maior parte de seus poemas densos de dramaticidade. Escrevia mais por uma necessidade interior do que para ser conhecido como poeta, embora algumas de suas composições poéticas corresse a Europa. Seus versos só foram publicados quase 60 anos depois de sua morte. No pensamento do nosso artista convergem três correntes, a do platonismo, a do misticismo de Savonarola, a do classicismo. Platônicas são suas concepções da beleza e do amor. Este passa de um inicial desejo sensível a um aniquilamento total de tudo aquilo que é exigência corpórea, para se aplacar em Deus. Apaixonado pela beleza, a esta tributa sua admiração. O drama de sentir-se imperfeito o atormenta até a morte.

Seus versos são realmente poesia que brota da alma e não um mero exercício rítmico.

A poliédrica personalidade daquele grande gênio que foi Miguel Ângelo Buonarroti nos oferece, ao lado das mais conhecidas, uma faceta que e certamente a menos visada pelos estudiosos de sua obra, a da sua poesia.

Quando ouvimos mencionar o imortal artista, pensamos logo nas suas poderosas esculturas, nas suas deslumbrantes pinturas, na sua arrojada e harmoniosa arquitetura, mas ele foi também poeta e bom poeta; rico de idéias, sincero, personalíssimo.

Numa época em que na poesia lírica dominava a imitação de Petrarca, deste se afastou na maior parte de seus poemas que revelam uma dramaticidade desconhecida ao cantor de Laura.

O verso que foge ao requinte da forma e que muitas vezes é áspero como os golpes do seu martelo e penetrante como a ponta de seu cinzel, hermético pelo freqüente uso de expressões elípticas, nos mostra uma profundidade de pensamentos que lhe brotam da alma como a lava ardente de um vulcão em erupção e que ele registra com traços rápidos e sintéticos. Sente-se nele a vibração de uma alma nobre e apaixonada, eternamente atormentada pela impossibilidade de alcançar a meta almejada.

Miguel Ângelo não publicou seus versos porque escrevia mais por uma necessidade interior do que propriamente para ser conhecido como poeta. Dotado de um grande poder de autocrítica considerava suas composições poéticas imperfeitas e não correspondentes a seu ideal.

Educado no clima platônico da corte medicea, absorvera, quase inconscientemente, os ensinamentos de Marsílio Ficino, Girolamo Benevieni, Pico della Mirandola, pensadores de renome naquela época. Tivera como mestre de letras Agnolo Poliziano, o aristocrático poeta cultor do mundo clássico, refinado aventador de mitos antigos, delicado cantor de idílios e de cenas campestres. Fora adotado como filho por Lourenço o Magnífico que nada poupou para desenvolver aquele extraordinário gênio artístico. Nem lhe faltara uma profunda influência religiosa por parte do monge Girolamo Savonarola que pregava a renovação da igreja, a volta ao primitivo cristianismo, a reforma da sociedade. Devia tê-lo profundamente impressionado a palavra do místico dominicano, palavra ardente, inspirada, profética. Narra Ascanio Condivi em sua *Vita di Michelangelo*, que mesmo na velhice, ao pintor da Capela Sistina parecia ainda ouvir aquela voz.

Podemos assim observar que ao lado do platonismo, também o misticismo de Savonarola concorreu para a formação intelectual e espiritual de Miguel Ângelo, sem deixar de lado a fascinação que o clássico e o antigo exerciam sobre ele. Delineadas estas três influências, veremos

que elas se refletem em suas obras, seja de escultura, seja de pintura ou arquitetura, seja de poesia. A concepção da beleza absoluta da qual a terrena é uma sombra que aspira à perfeição é platônica e aparece freqüentemente em seus versos. A arte nada mais é do que o esforço do homem para achar a perfeição, exprimindo-a em formas sensíveis. Esta visão platônica se cristianiza; a beleza absoluta é criada por Deus, fonte de toda perfeição.

Notamos nas poesias de Miguel Ângelo um purificação crescente de seus sentimentos, um amor cada vez mais alto que passa de um inicial desejo sensível a um aniquilamento total de tudo aquilo que é exigência corpórea para se aplacar em Deus, essência de todo amor.

Seus versos eram anotações de estados d'alma, quase que páginas de um diário íntimo e eram escritos no que lhe caía sob as mãos: cartas, desenhos, cartazes, folhas soltas com desenhos rabiscados. Algumas suas composições poéticas eram conhecidas tanto que literatos da época como Benedetto Varchi, Pietro Aretino, Francesco Berni, falaram a respeito. Este último diz o seguinte, numa poesia, sobre a arte de Miguel Ângelo:

*"Costui cred'io che sia la propria idea
della scultura e dell'architettura"*

(Este eu creio que seja a própria idéia da escultura e da arquitetura)

E a respeito de sua poesia declara:

*"Ho visto qualche sua composizione,
sono ignorante e pur direi d'avelle
lette tutte nel mezzo di Platone.
Si ch'egli è nuovo Apollo e nuovo Apelle:
...Et dice cose e voi dite parole."*

(Vi alguma sua composição, sou ignorante, contudo diria de tê-las lido todas no meio de Platão... Ele diz coisas e vós dizeis palavras.)

Diversos poemas de Miguel Ângelo foram musicados e se tornaram populares, como alguns madrigais, por exemplo.

Salvo estes e mais algumas poesias divulgadas pelos seus admiradores, a produção literária de Miguel Ângelo ficou desconhecida a seus contemporâneos. Ele tinha realmente pensado em publicar seus versos, não só por insistência dos amigos, mas sobretudo depois da leitura dos Sonetos Espirituais de Vittoria Colonna. Mas sua grande amiga morreu e ele, meditando sobre a vaidade da vida e sentindo-se sempre mais preso ao céu, renunciou a publicar suas poesias.

A primeira edição dos versos de Miguel Ângelo apareceu em 1623, quase 60 anos depois de sua morte, por obra de um descendente de seu sobrinho Lionardo que herdara seus bens e seus manuscritos. Chamava-se também Miguel Ângelo Buonarroti, conhecido sob o nome de Miguel Ângelo o Jovem. Reputando-se homem de letras, escrevera, de fato, várias comédias que despertaram interesse. Julgou indispensável corrigir, completar, embaralhar, deturpar, enfim, a obra de seu grande antepassado, de modo que em muitas poesias os versos não eram mais reconhecíveis. Só em 1863 Cesare Guasti nos deu a primeira edição crítica dos versos de Miguel Ângelo. Porém, a edição crítica fundamental para um estudo mais aprimorado é a de Carl Frey de 1907. Nós seguimos aquela cuidada por Valentino Piccoli.¹

Apesar de todos os esforços dos estudiosos, não se conseguiu ainda determinar a cronologia dos versos de Miguel Ângelo. "Às vezes, de algumas poesias se pode indicar a data." "Mas não só na cronologia aparece algo de misterioso: freqüentemente a obra de Miguel Ângelo se fecha num singular hermetismo: o Poeta parece esforçar-se em vão para exprimir o inexprimível... É preciso considerar então seus versos e, mais seus fragmentos como a anotação de um tormento espiritual"...

"Este hermetismo se estende também às pessoas que são objeto das poesias: sobretudo das poesias de amor"².

É inútil procurar saber quem são as jovens que inspiraram Miguel Ângelo; nada sobre elas se descobriu. Eram jovens formosas e o nosso artista que era um grande admirador da beleza sentiu-se atraído por esta. Uma de suas primeiras poesias de amor é, de fato, escrita para uma desconhecida bolonhesa. Ela a descreve loura com uma grinalda de flores a coroar-lhe os cabelos, o vestido de cintura alta que se alarga sempre mais na parte inferior, à moda da época, uma fita dourada passando pelo busto, um cinto liso com um nó bem apertado. Uma imagem singela e encantadora quase saída de um quadro renascentista.

Eis os versos:

*Quanto si gode, lieta e ben contesta,
di fior, sopra crin d'or d'una, ghirlanda,
che l'altro innanzi l'un all'altro manda,
come che 'l primo sia a baciàr la testa!
Contenta è tutto il giorno quella vèsta
che serra il petto, e poi par che si spanda
e quel c'oro filato si domanda
le guance e 'l collo di toccar non resta.
Ma più lieto quel nastro par che goda,
dorato in punta, con sì fatte tempè*

*che preme e tocca il petto ch'egli allaccia.
E la schietta cintura. che s'annoda
mi par dir seco: qui vo' stringer sempre!
Or che farebbon dunche le mie braccia?*

(Oh! quanto goza alegre uma grinalda/ de flores sobre o ouro dos cabelos/ de uma jovem, e uma flor quer ser primeira / passando a outra, a lhe beijar a testa./ Contento fica sempre aquela veste / que faz a o peito e que depois se alarga/ e aquilo que se chama ouro em fios/ não pára de roçar face e pescoço./ Mais parece gozar aquela fita, / com ponta d'ouro e posta de tal modo / que toca e aperta o seio que ela enlaça./ E o singelo cinto que dá um nó/ diz para si: pra sempre apertar quero!/ Oh! que fariam, pois, meus fortes braços?)

Quanta ternura nestes versos! Quanto desejo de amar! E este desejo de amor não o abandona em toda a sua longa vida. Só que de sensível e terreno torna-se sempre mais ideal e puro. O amor é, de fato, o tema dominante do seu cancionero: de início é um amor cheio de desejos, de anseios, de sofrimentos, provocador de lágrimas e tormento, depois o regozijo espiritual da presença do ser amado, o sentimento puro e nobre da amizade, a contemplação estética da beleza que leva a um amor concebido nos moldes platônicos, por último o ascético amor de Deus, único conforto da velhice, única luz, única força, única alentadora esperança.

E Deus absorve os últimos anos do grande artista, tornando-se seu único anseio.

Nosso Poeta, pois, na sua juventude muito desejou e muito amou e talvez por ter um "complexo de feiura" não quis casar-se. Em várias poesias aparece este seu sentir-se feio. No Madrigal CXIX da edição cuidada por Valentino Piccoli lemos os versos:

*Ma poi che 'l spirito sciolto
ritorna alla sua stella,
a fruir quel Signore
che i corpi a chiunque more
eterni rende, o per quiete o per lutto,
prego il mio, benchè brutto,
com'è qui teco, il voglia in paradiso,
c'un cor pietoso val quanto um bel viso".*

(Mas depois que o espírito livre (do corpo) volta à sua estrela para gozar aquele Senhor que os corpos a quem morre torna eternos, ou para descanso ou para sofrimento, rogo que o meu, **embora feio**, como está aqui contigo, o queiras no paraíso, porque um coração piedoso vale quanto um belo rosto.)

E no madrigal CLXXXV há uma insistência desta feiura. Eis os versos:

*Mentre i begli occhi giri,
donna, ver me da presso,
tanto veggio me stesso
in lor, quanto ne 'miei te stessa miri.
... Ben par che il ciel s'adiri,
che 'n sì begli occhi io me veggia sì brutto
e ne' mie' brutti ti veggia sì bella.*

(Enquanto os belos olhos volves, / Senhora, para mim, ao meu lado, / tanto vejo a mim mesmo / neles, quanto nos meus a ti própria vês. / Bem parece que o céu se zangue, / que em tão belos olhos eu me veja tão feio / e nos meus feios te vejas tão bela.)

No final da poesia CLXXXI aparece ainda a palavra **brutto** (feio). O poeta acha que o rosto espelha o estado da alma, ele, portanto, não seria tão feio aos olhos da amada se alegre está seu coração. Citamos os versos mais significativos:

*Se dal cor lieto divien bello il volto,
dal tristo il brutto; e se donna aspra e bella
il fa, chi fia ma' quella
che non arda di me com'io di lei?
Sè faria bella, e me non faria brutto.*

(Se por estar alegre o coração, se torna belo o rosto, e por estar triste se torna feio; e se mulher áspera e bela o pode transformar, quem será aquela que não arda de mim como eu dela? Faria a si própria bela e a mim não faria feio.)

A amada é na realidade bela, mas é também cruel, ora se seu coração se abrandar, a verdadeira beleza resplandecerá em seu rosto e o poeta enlevado sentirá tanta felicidade que a feiura desaparecerá. O amor correspondido transformará seu rosto, embelezando-o.

Na poesia CLXXIX aparece mais evidente o contraste entre uma jovem formosa, orgulhosa de sua fresca beleza, e o poeta já velho e sempre mais convicto de sua feiura.

*Costei pur si delibra,
indomita e selvaggia
ch'io arda, mora e caggia.
La si gode e racconcia
nel suo fidato specchio*

*ove si vede eguale al paradiso;
 poi volta a me, mi concia
 si ch'oltre all'esser vecchio
 in quel col mio fo più bello il suo viso;
 ond'io vie più deriso
 son d'esser brutto; e pur m'è gran ventura
 s'io vinco a farla bella la natura.*

(Esta contudo delibera/indômita e selvagem que eu arda, morra e caia/Ela goza e se enfeita/ em seu fiel espelho/ onde se vê igual ao paraíso; / depois, volvendo-se a mim, me reduz / a tal estado, que além de ser velho / faço com meu rosto mais belo o seu; pelo que sou sempre mais escarnecido / por ser feio; contudo me é grande felicidade se eu consigo tornar bela a natureza).

Na poesia CLXVII invoca Amor para que torne de novo piedosa a mulher amada, mas para que seja tal deverá ser feia, porque as belas não acham nele, tão feio, nenhuma atração. E conclui:

*Deh! falla un'altra volta
 pietosa dentro e sí brutta di fori,
 ch'a me dispiaccia, e di me s'innamori.*

(Oh! faça-a outra vez / piedosa dentro, e tão feia exteriormente / que a mim desagrade, e de mim se enamore.)

O que não fosse belo não poderia realmente lhe agradecer, pois ele próprio declara num famoso madrigal: "Per fido esempio alla mia vocazione nel parto. mi fu data la bellezza" (Para fiel norma da minha vocação no parto me foi dada a beleza.)

Toda forma de beleza o atraía, assim também dois jovens divinamente belos fizeram bater o coração do velho artista. O primeiro foi Febo di Poggio do qual quase nada se sabe e o segundo Tommaso del Cavaliere, discípulo e amigo de Miguel Ângelo e que lhe foi fiel até a morte, tendo tido a sorte de assistí-lo em seus últimos momentos. As cartas dirigidas aos dois jovens mostram ser as de um apaixonado, e ele o era realmente pela beleza. Não faltaram comentários malignos a respeito; Pietro Aretino foi um dos primeiros a espalhá-los com sua venenosa língua temida por todos os príncipes e literatos, mas o nosso Poeta os rebate com energia e mostra claramente em algumas poesias dedicadas a Tommaso del Cavaliere o amor platônico que o animava. Eis alguns versos de uma das mais conhecidas e significativas:

LXIV

*Veggio nel tuo bel viso, Signor mio,
 quel che narrar mal puossi in questa vita:
 l'anima della carne ancor vestita,
 con esso è già più volte ascreso a Dio.
 E se 'l vulgo malvagio, sciocco e rio
 di quel che sente, altrui segna e addita,
 non è l'intensa voglia men gradita,
 l'amor. la fede e l'onesto desio.*

(Vejo no teu belo rosto, meu Senhor,³/aquilo que mal se pode narrar nesta vida: / a alma da carne ainda vestida, / com ele⁴ já, mais vezes, ascendeu a Deus./E se o povo malvado, tolo e maligno/o que sente atribuí aos outros,/ nem por isto o intenso desejo é menos grato, / nem menos grato é o amor, a fidelidade o honesto desejo.)

Como ver nestes versos baixeza, carnalidade, pecado? Seria não compreender todo o clima psicológico da Renascença. Seria um renegar a elevação espiritual dos que aceitavam com cândido entusiasmo a doutrina platônica do amor. Diz Papini: "O de Buonarroti era, sim, verdadeiro amor, com todos os seus êxtases e suas dúvidas, mas não tinha nada, absolutamente nada de sensual e de carnal"⁵. Lembremo-nos que Papini não é menos ferino em suas críticas do que Pedro Aretino na sua época. Ele não poupa nem príncipes, nem literatos, nem papas, mas defende Miguel Ângelo das insinuações malignas de um Roman Rolland ou de um Grimm que não souberam compreender os anseios e o enlevo do grande artista.

A espiritualidade está sempre presente nos versos escritos para o belíssimo Tommaso del Cavaliere. Eis um exemplo:

XLV

*...S'io amo sol di te, Signor mio caro,
 quel che di te più ami, non ti sdegni,
 che l'un dell'altro spirito s'innamora.
 Quel che nel tuo bel volto bramo e 'imparo,
 è mal compreso dagli umani ingegni
 chi vuol saper, convien che prima mora.*

(Se eu amo de ti somente, Senhor meu caro,/aquilo que de ti mais amas, não te admires / que um espírito do outro se enamore./Aquilo que no teu belo rosto desejo e aprendo, é mal compreendido pelos humanos engenhos,/ quem o quer saber, convém que antes morra.)

O poeta ama no bellissimo amigo mais do que tudo a elevação espiritual que faz com que nasça entre os dois uma perfeita comunhão de almas. E este enamorar-se dos espíritos não pode ser compreendido pelos homens comuns e geralmente maldosos. Para entender este sentimento, é preciso vencer a atração sensível, superar a matéria para alcançar uma realidade eterna. E este conceito de um amor não carnal, de uma harmonia total entre dois corações é expresso admiravelmente nos seguintes versos:

XLIV

*S'un casto amor, s'una pietà superna,
s'una fortuna infra due amanti eguale,
s'un'aspra sorte all'un dell'altro cale,
s'un spirto, s'un voler due cor governa:
s'un'anima in due corpi è fatta eterna,
ambo levando al cielo e con pari ale...*

(Se um casto amor, se uma piedade sublime, / se uma sorte igual entre dois amantes, / se triste desventura de um o outro compartilha, / se um espírito, um querer governa dois corações; / se uma alma em dois corpos é feita eterna / levando ambos ao céu e com iguais asas; ...)

Uma alma, pois, em dois corpos, era o que unia o velho artista ao jovem discípulo, tão grande era entre eles a identidade de ideais artísticos e espirituais. Miguel Ângelo parece quase dissolver-se na alma do bellissimo Tommaso e transpor sua vigorosa personalidade na do amado quando escreve:

CXXV

*...Veggio co'be' vostri'occhi un dolce lume,
...porto co'vostri piedi un pondo addosso:
...Volo con le vostr'ale e senza piume;
col vostro ingegno al ciel sempre son mosso;
...Nel voler vostro è sol la voglia mia,
i miei pensier nel vostro cor si fanno,
nel vostro fiato son le mie parole.*

(Vejo com vossos belos olhos uma doce luz, / trago com vossos pés um peso em mim, / vôo com vossas asas e sem penas; / com o vosso engenho ao céu sempre sou levado; / O meu querer está só no vosso querer, / meus pensamentos se formam no vosso coração, / no vosso sopro estão minhas palavras.)

Seu conceito do amor está admiravelmente contido, quase uma definição, numa poesia inacabada. São três versos realmente escultóreos, semelhantes aos rápidos e decisivos golpes do seu escopo:

LX

*...Amore è um conceito di bellezza,
immaginata o vista dentro al core,
amica di virtude e gentilezza.*

(Amor é um conceito de beleza, imaginada ou vista dentro do coração, amiga de virtude e gentileza.)

Os motivos do **Dolce Stil Novo** aqui aparecem em sua mais pura essência e sendo, outrossim, o toque mágico da Beleza absoluta do mundo platônico. Esta Beleza o enlevava mais do que tudo sobre a terra. Ele se sente nascido para contemplá-la e para fazê-la aparecer através de sua arte.

O dom da Beleza norteia o Poeta na vida, pois lhe foi dado ao nascer; as artes da escultura e da pintura são iluminadas por esta beleza que surge da criação interior para alcançar as atuações sensíveis, e não ao contrário como pensa o povo. É Deus que dá ao artista o dom da beleza para que se atue e se revele ao espírito deste, cuja missão é exprimi-la sensivelmente. Mas tudo isto não pode acontecer sem o dom da Graça que faz com que a arte se manifeste divinamente, além dos limites humanos, fazendo do artista um inspirado. Para integrar os conceitos contidos neste madrigal, torna-se indispensável citar alguns versos de um célebre soneto que é como a chave da poética de Miguel Ângelo.

*Non ha l'ottimo artista alcun concetto,
c'un marmo solo in sè non circonscriva
col suo soverchio; e solo a quello arriva
la man che ubbidisce all'intelletto.
Il mal ch'io fuggo, e il ben ch'io mi prometto,
in te, Donna Leggiadra, altera e diva,
tal si nasconde; e perch'io più non viva,
contraria ho l'arte al disiato effetto.*

(Não tem o ótimo artista conceito algum / que um só mármore em si não encerre com o que é supérfluo; / e só àquilo chega a mão que obedece ao intelecto. / O mal que eu fujo, e o bem que a mim prometo, / em ti, Mulher formosa, ativa e divina, / assim se esconde; e para que eu mais não viva, / tenho a arte contrária ao efeito desejado.)

A obra de beleza preexiste à atuação concreta do artista: o bloco informe de mármore já contém em potência a obra de arte; o artífice é como aquele que tira a sobra da matéria, acumulada em torno da beleza escondida e a revela aos olhos humanos. Ele reencontra o Belo, já existente, como arquétipo ideal, no Absoluto.

Para achar a beleza que está em potência, a mão chega a isto só quando obedece ao intelecto; ou seja, quando ha perfeita correspondência entre a concepção, que vem de Deus, e os meios técnicos de atuação. A mão que não tem experiência não obedece ao intelecto: disto surge a necessidade e o valor da técnica, instrumento necessário em todas as artes.

Como a obra de arte está latente no mármore, assim a vida espiritual se esconde na mulher idealmente amada; por ela lhe é dado elevar-se a uma esfera sobre-humana a que aspira sua alma. Tanto para achar o belo no mármore, como para achar a verdadeira vida na amada, sente que a arte lhe é contrária, suas forças não bastam. Este é realmente o tormento de Miguel Ângelo: a desproporção entre a infinita grandeza de seus ideais artísticos e espirituais, e aquela que a ele parecia limitada, imperfeita, incompleta atuação.

Este soneto é dedicado como toda uma série de poesias, a Vittoria Colonna, viúva de Ferrante de Avalos e marquesa de Pescara, que é aqui chamada "donna leggiadra, altera e diva". Miguel Ângelo a conheceu quando já tinha passado os 60 anos e sua vida pareceu iluminar-se de repente. Uma profunda amizade o prendeu à cultíssima e religiosíssima marquesa com a qual tinha longos colóquios e se sentia confortado, porque compreendido. Amou-a com todo o ardor de seu coração não envelhecido, mas de um amor nobre, puro, espiritual. Vittoria Colonna era mulher enérgica, livre de preconceitos, viril. "Quase de filosófica resolução e prontidão... inimiga de dissimulações e mentiras", como diz um biógrafo seu contemporâneo.

Miguel Ângelo com ela falava da sua arte, das suas idéias estéticas e religiosas, e tanta correspondência achava em sua amiga, tanta diferença entre ela e as mulheres fúteis e formosas que amara e que tanto o fizeram sofrer, que assim elogia o nobre espírito da marquesa:

CCXXXIII

*Un uomo in una donna, anzi uno dio,
per la sua bocca parla,
ond'io per ascoltarla
son fatto tal, che mai più sarò mio.*

(Um homem numa mulher, antes um deus, / pela sua boca fala, / e eu por escutá-la me tornei de tal forma, / que nunca mais serei dono de mim.)

No início deste grande amor ele reconhece estar velho, porém, não incapaz de amar e sente-se através de seus versos, que ele purifica sempre mais seus sentimentos, pois deve lutar para fazer calar o que de terreno ainda há em seu coração. Mas o perigo passou, seu amor pela

nobre alma de Vittoria Colonna tornou-se cada vez mais puro, cada vez mais elevado, porém, sepre mais necessário a seu coração de artista. Se a grande amiga o deixar, que será dele? Que poderá mais olhar com prazer sobre a terra? Sua vida é a presença da amada. Isto ele expressa na poesia CXXIX:

*Occhi miei. siate certi,
che u tempo passu, e l'ora s'avvicina,
c'a le lacrime triste il passo serra.
Pietà vi tenga aperti,
mentre la mia divina
donna. si degna d'abitare in terra.
Se grazia il ciel dissera,
come ai beati suole,
questo mio vivo sole
se lassu torna, e partesi da noi,
che cosa avrete qui da veder poi?*

(Olhos meus, certificai-vos/de que o tempo passa, e a hora se aproxima/que as tristes lágrimas fecha o caminho./Piedade vos mantenha abertos/até que a minha divina senhora se digne habitar na terra /Se o céu concede graças aos bem aventurados como costuma, /e se este meu vivo sol/volta para ele e nos deixa, /o que tereis vós aqui para ver depois?).

O sensível ardor dos primeiros encontros transformou-se num afeto sempre menos terreno, sempre mais espiritual e enlevador e ele confessa que o que realmente o atrai na amada é a sua angélica piedade e a beleza da sua alma que espelha a beleza divina. No soneto CCVII temos a plena confirmação deste seu modo de pensar.

*Per ritornar là donde venne fora,
l'immortal forma al tuo carcer terreno
venne com'angel di pietà sì pieno,
che sana ogni intelletto, e 'l mondo onora.
Questo sol m'arde e questo m'innamora,
non pur di fuora il tuo volto sereno.*

(Para voltar lá de onde veio,/a tua imortal forma ao cárcere terreno/desceu como anjo tão cheio de piedade,/que cura todo intelecto, e honra o mundo./Somente isto me inflama e me enamora,/e não só externamente o teu rosto sereno.)

A profunda e confortadora amizade de Vittoria Colonna durou de 1538 a 1547, ano em que Deus a chamou a si, e o golpe foi profundo para o coração do velho artista que sentiu sempre mais a sua solidão e o seu tormento. Três anos depois daquela morte ele ainda escrevia: "Morte mi tolse uno grande amico. Mi voleva grandissimo bene e io non meno di lei":

(Morte me tirou um grande amigo. Queria-me um grande bem e eu não menos do que ela.)

Depois da morte da sua inspiradora, já com 72 anos de idade, Miguel Ângelo se aproxima sempre mais de Deus e seus versos são dramáticas invocações ricas de vibrante tormento. Damos como exemplo a poesia CCXXI:

*Signor mio caro, io sol te chiamo e invoco
contro l'inutil mio cieco tormento:
tu sol puoi rinnovarmi fuora e dentro
le voglie e il senno, e il valor lento e poco:
... Ogni ben senza te, Signor, mi manca.*

(Senhor meu caro, a ti só chamo e invoco/ contra meu inútil e cego tormento:/ somente tu podes renovar fora e dentro/meus desejos e meu juízo e meu valor lento e pouco:

...Todo bem, Senhor sem ti me falta.)

No soneto CCXLV, temos as considerações do poeta sobre a fugacidade das coisas terrenas e a ilusoriedade de todos seus antigos ideais artísticos. Com esta constante meditação ia-se preparando para a morte:

*Giunto è già il corso della vita mia
con tempestoso mar per fragil barca,
al comum porto, ove a render si varca
conto e ragion d'ogn'opra triste e pia,
onde l'affettuosa fantasia
che l'arte mi fece idolo e monarca,
conosco ben com'era d'error carca
e quel c'a mal suo grado ogn'uom desia.*

(O curso de minha vida já chegou,/ com tempestuoso mar em frágil barca,/ ao porto comum, onde se atraca/ para dar conta e razão de toda obra má ou boa./ Pelo que a aferuosa fantasia/ que tornou para mim a arte um ídolo e um monarca,/ sei bem (agora) como era errônea/ e como errôneo era tudo aquilo que seu malgrado o homem deseja.)

A arte que tudo fora para ele na vida a ponto de ser considerada como **ídolo e monarca**, não lhe representa mais nada, a alma está toda voltada para o Amor divino, na expectativa da libertação do pesado fardo corpóreo.

No seguinte soneto ele diz:

*Scarco d'un 'importuna e grave salma,
Signor mio caro, e dal mondo disciolto,
qual fragil legno, a te stanco rivolto
dall'orribil procella in dolce calma.
Le spine e' i chiodi, e l'una e l'altra palma
col tuo benigno umil pietoso volto
prometton grazia di pentirsi molto,
e speme di salute a la trist'alma.
Non mirin con giustizia i tuoi sant'occhi
il mio passato, e' l castigato orecchio
non tenda a quello il tuo braccio severo.
Tuo sangue sol mie colpe lavi e tocchi,
e più abondi, quant'io son più vecchio,
di pront'aita e di perdon' intero.*

Destra poesia damos a tradução rítmica:

(Livre d'un importuno e grave peso, / o' meu Senhor, do mundo desatado, /
como barco cansado a ti me volvo / da terrível procela à doce calma. Teus
espinhos, teus cravos, tuas mãos, teu benigno humilde e pio rosto / de um
profundo pesar prometem graça / de saúde e esperança à alma aflita /. Não
fitem com justiça os santos olhos / o meu passado e o teu puro ouvido / tender
não faça a este o duro braço. / Teu sangue só me lave e toque as culpas, / e
tanto mais abunde em pronto auxílio / e em perdão quanto mais velh o fico.)

Mais passa o tempo, mas ele se sente "carico d'anni e di peccati pieno" (carregado de anos e cheio de pecados) e espera a libertação rogando a Deus que lhe abrevie "l'alta et erta viá" (o alto e íngreme caminho).

Sempre desejara o repouso, o aplacar-se do seu tormento e num célebre soneto dedicado à noite, escrito nos anos de sua plena pujança artística, nos revela este seu anseio à paz, ao sonho nas regiões etéreas onde espera ficar um dia para sempre. Eis o bellissimo soneto LXX XVIII do qual damos uma tradução rítmica:

*O notte, o dolce tempo, benchè nero,
con pace ogn'opra sempr'al fin assalta.
Ben ved' e ben intende chi l'esalta,
e chi l'onora ha l'intelleto intero.
Tu mozzì e tronchi ogni stanco pensiero,
chè l'umid' ombra et ogni quiete appalta,
e dall'infima parte alla più alta
in sogno spesso porti, ov'ire spero.
O ombra del morir, per cui si ferma*

*ogni miseria, a l'anima al cor nemica,
ultimo degli afflitti e buon rimedio.
Tu rendi sana nostra carn'inferma,
rasciugh'i pianti, e posi ogni fatica,
e furi a chi ben vive ogn'ira e tedio.*

(O' noite, o' doce tempo, embora preto, / de paz tu roda empresa enfim revestes. / Bem vê e bem entende quem te exalta / e quem te honra tem todo intelecto. / Tu cortas todo fraco pensamento, / porque a quietude e a sombra em ti dominam / e das ínfimas partes às mais altas / levam em sonho e a mim também que espero. / O' sombra do morrer parar tu fazes / a dor, da alma e coração inimiga. tu único remédio dos aflitos; tu tornas sã a nossa carne enferma, / o pranto enxugas, toda angústia páras, / a ira e o tédio tiras a quem vive.)

Aquela "sombra do morrer" que suaviza a dor, que infunde vida e forças à carne enferma, exerce sobre ele uma verdadeira fascinação e a maravilhosa estátua da "Noite" a mais bela das quatro que se encontram nos sepulcros medíceos, encarna realmente, no seu lânguido e pacato abandono, os sentimentos do poeta que desejaria não sofrer, não mais atormentar-se. Mas muitos anos ainda lhe são reservados, muitas lutas o esperam. Esta paz duradoura só chegará muito mais tarde. Inúmeras invocações à morte conterão suas poesias. Deus parece não ouvi-lo. Aos 81 anos ainda suplica ao Senhor. "Ammezzami la strada che al ciel sale" (Encurta-me a estrada que leva ao céu.) Ele sente que sua alma está aprisionada num corpo frágil e cansado, e nada mais pode fazer senão esperar a hora da libertação. Só aos 89 anos lhe será permitido realizar seu desejo do infinito. Perfeitamente lúcido, ainda ativo como escultor e arquiteto, Miguel Ângelo deixou esta terrena e atribulada vida para contemplar finalmente a Beleza Eterna.

Dentre suas 261 composições poéticas, das quais algumas são apenas fragmentos, procuramos mostrar o que de mais importante e significativo encontramos, chegando à conclusão de que são realmente poesia e não um mero arroteado de versos ou um simples exercício rítmico.

Este artigo era muito mais amplo, teve que ser reduzido devido ao limite convencional para este tipo de publicação.

NOTAS

1 Buonarroti, M. *Le rime*. Torino, U.T.E.T., 1944.

2 Ibid., Introdução, p. XII.

3 "Meu Senhor" é como ele, nesta fase, chama Tommaso del Cavaliere.

4 Por meio do teu rosto.

5 Papani, Giovanni. *Dante e Michelangelo*. Milano, Mondadori, 1961.p.741.

SUMMARY

Besides being a great sculptor, painter, and architect, Michael Angelo Buonarroti was also a poet, with a rich wealth of ideas, a very honest and most original spirit. In a time dominated by a real cult of the Petrarchan practice of poetry, he dared deviate from it in the majority of his poems, all of them dense in dramatic context. He wrote out of an internal necessity, not merely to be known as a poet, yet many of his poetical compositions traversed the whole of Europe. But the bulk of his poems were published only 60 years after death. The thought of the great artist is taken up by three converging currents, namely, that of platonism, the one of the mysticism of Savonarola, and the one of the classicism. Platonic are also his conceptions of beauty and love, the latter starting with an initial conspicuous desire and ending by a total annihilation of any possible physical demand, finally appeased in God. In passionate love with Beauty, he dedicates to it his greatest admiration. To the moment of his death he is tormented by a dramatic feeling of personal imperfection, that, perhaps, being one of the reasons why his verses are real poetry springing from the soul, not a mere rhythmical exercise.